

TARIFFS, TARIFFS, TARIFFS

Leandro Simoni

BOLETIM ESPECIAL - Abril/2025

Trump colocou fogo no mercado global com o anúncio de **tarifas pesadas no dia 02 de Abril**. As tarifas partem de uma taxa básica de **10% para todos os países**, com tarifas adicionais que ele inicialmente nomeou como "recíprocas". No entanto, uma análise mais atenta mostra que essa tarifação segue, na verdade, um **critério baseado no déficit da balança comercial** entre os EUA e outros países.

A medida pegou o mercado de surpresa tanto pela abrangência quanto pela magnitude das tarifas. Essa nova política **fere alguns princípios básicos** que o próprio Trump defendeu em seu primeiro mandato. Um desses princípios era o uso da política econômica como instrumento geopolítico: **punir adversários e poupar aliados**. No entanto, a nova tarifação não segue esse critério. Ela penaliza de maneira indiscriminada países aliados e não diferencia seus alvos com base em afinidade geopolítica. A China, por exemplo, que Trump frequentemente criticou por se beneficiar de baixos impostos, acabou recebendo uma tarifa **menor do que países como Vietnã, Camboja e Laos**, que vinham sendo usados como alternativa de manufatura por empresas americanas.

Outra contradição importante está no tipo de emprego que Trump afirma querer trazer de volta para os EUA: **empregos de qualidade**, ligados a setores de alta tecnologia como chips, eletrônicos e a indústria automotiva. A nova taxa, no entanto, também atinge **produtos de baixa tecnologia provenientes de países extremamente pobres da África**. Esses países exportam principalmente vestuário para os EUA e têm capacidade muito limitada de importar produtos americanos. A taxa sobre eles **não faz sentido econômico nem estratégico**. Não se trata de empregos que os EUA desejem repatriar, mas de produtos acessíveis ao consumidor americano. Essa medida prejudica diretamente a **competitividade desses países**, podendo desviar a manufatura para países um pouco menos pobres que foram taxados com menos rigor.

Ontem e hoje, o mercado reage fortemente. **Empresas dependentes de produtos como vestuário foram especialmente impactadas**, como a Nike e varejistas em geral. Até mesmo a Amazon teve **quedas significativas**.

Outro ponto relevante é que, ao contrário do primeiro mandato de Trump, quando as tarifas

levaram à **valorização do dólar**, agora estamos observando o oposto: o dólar vem **perdendo valor frente a outras moedas**. Isso **agrava os efeitos inflacionários**, já que produtos importados se tornam mais caros e os exportados rendem menos em termos relativos. Dessa forma, as tarifas atuais se diferenciam bastante das do primeiro mandato, que eram mais específicas e focadas em adversários geopolíticos, principalmente a China. Agora, as medidas parecem mais **indiscriminadas**, lembrando **práticas protecionistas comuns na América Latina**. O impacto provável será o **aumento da carga tributária para o consumidor americano**, atração de empresas com baixa qualidade tecnológica e uma consequente **queda de produtividade no longo prazo**. Isso pode resultar em **empobrecimento relativo dos EUA**, inflação mais alta e taxas de juros persistentemente elevadas.

Além disso, analistas apontam que os **critérios utilizados para definir os países tarifados são questionáveis**. Há indícios de que a lista foi gerada com auxílio de inteligência artificial, e a métrica de déficit na balança comercial não é considerada adequada para esse tipo de decisão pela ampla maioria dos economistas. A lista inclui, inclusive, **territórios como Gibraltar**, que é parte do Reino Unido, o que evidencia o nível de descuido na elaboração da política.

Uma das defesas das políticas recentes de Trump é a comparação com as medidas adotadas por **Javier Milei na Argentina**, sob o argumento de que um sacrifício inicial da população pode gerar benefícios futuros. No entanto, para quem conhece de perto a realidade da América Latina, fica evidente que as situações são muito diferentes. As semelhanças se limitam ao fato de ambos serem políticos de direita. A Argentina enfrentava uma **inflação descontrolada**, alimentada por uma **emissão excessiva de dinheiro** para sustentar salários do funcionalismo público, aposentadorias e subsídios. Milei buscou **cortar esses gastos**, promovendo um ajuste fiscal centrado justamente nesses grupos.

Já os Estados Unidos não enfrentavam um problema inflacionário da mesma natureza. O Federal Reserve vinha conduzindo um processo cauteloso de equilíbrio entre crescimento, juros e emprego, buscando o "soft landing" — o controle da inflação sem provocar uma recessão. No entanto, com as recentes políticas comerciais, economistas acreditam que esse cenário está cada vez mais distante e que a probabilidade de uma recessão, mesmo que breve, tem aumentado. Os EUA tem o privilégio de poder escolher um ajuste fiscal muito mais suave, e sem impor sacrifícios desnecessários.

Na frente comercial, a estratégia de Milei é **diametralmente oposta à de Trump**. Enquanto Trump impõe tarifas, Milei está **abrindo a**

economia para ampliar o acesso a produtos importados e ajudar no controle da inflação. Sendo assim, **não vemos como essa comparação possa ser válida**. Mesmo que alguns empregos de manufatura retornem aos EUA, podem gerar consequências difíceis de reverter, como **altos custos e baixa produtividade** — algo semelhante ao que observamos há décadas no Brasil.

Há quem diga que essa política e seus efeitos negativos eram **previsíveis** — afinal, Trump defende essas ideias há décadas. Outros veem isso como parte de uma **estratégia de negociação**, uma tática para forçar outros países a sentarem à mesa e renegociarem termos mais favoráveis aos EUA. De fato, ele tem anunciado alguns **investimentos e fábricas** sendo instaladas nos EUA, como os de semicondutores e automóveis.

No entanto, **já há um estrago permanente**. Mesmo que ocorram renegociações, **a confiança foi abalada**. Países aliados, como o Canadá, **sentiram-se traídos**. Na Europa, também observamos um **crescente distanciamento**, o

que pode gerar efeitos negativos relevantes. Um dos setores mais sensíveis é o de **defesa**, já que países da OTAN começam a buscar **substitutos para produtos e tecnologias norte-americanas**, sinalizando um movimento **de enfraquecimento das parcerias estratégicas históricas dos EUA**. Empresas, por sua vez, certamente estarão mais cautelosas ao investir, temendo serem surpreendidas por mudanças abruptas nas regras.

Um bom exemplo disso são aquelas que apostaram no nearshoring — retirando suas fábricas da China e transferindo a produção para o México, com o objetivo de abastecer o mercado americano. A mudança de uma linha de produção exige planejamento e execução que podem levar meses ou até anos, e não pode ficar sujeita a decretos de última hora.

Idas e vindas políticas sem sentido e mal planejadas são usuais na América Latina e no Brasil. Ao adotar esse tipo de política voluntarista, os EUA começam a se parecer cada vez mais com um país latino-americano.